

SEU DIREITO *Brasília - Brasil*

Mercado prevê que as taxas de juros devem permanecer elevadas no início deste ano

Perspectivas para 98 são pessimistas

Tendência é para aumento do desemprego, mesmo com inflação mais baixa

PREPARE-SE para um início de ano difícil. As perspectivas econômicas para 98 não são nada otimistas, especialmente para o primeiro trimestre. Nesse período deverão ser mais sentidos os efeitos da elevação das taxas de juros e ainda do aumento de impostos. A partir de abril, se a crise no Sudeste Asiático for contornada, o governo terá um espaço maior para seguir com a queda dos juros e ir tirando as amarras da economia. E, por tratar-se de um ano de eleições, é possível contar com algum aquecimento econômico no segundo semestre.

rescimento de 1% do PIB não garante emprego. Haverá dificuldades para reajustes. Eleições podem reaquecer economia no segundo semestre

biliário (SFI).

Ainda que a situação fique mais tranquila nos países asiáticos, a equipe econômica precisa manter as taxas em níveis altos de modo a preservar as reservas internacionais, proteger a estabilidade do Real e atenuar o déficit em

soma de bens e serviços produzidos no País, tende a crescer apenas 1%. Mas para assegurar os atuais postos e ainda absorver os que ingressam no mercado de trabalho essa expansão deveria ser de 6%. E se houver dificuldades para manter o emprego mais complicado será obter reajustes pela inflação.

Por conta dessas incertezas e porque o crédito deve continuar caro, o mais indicado parece ser racionalizar os gastos, juntar o dinheiro, mantê-lo aplicado a base de juros, que estarão generosos, e comprar à vista. Já o crédito para a compra de imóvel deverá ser mais farto com o Sistema de Financiamento Imobiliário (SFI).

Para o aplicador, apesar da insegurança, as bolsas tendem a pagar rendimento acima da inflação, assim como a renda fixa, embora a caderneta possa decepcionar.

Para o aplicador, apesar da insegurança, as bolsas tendem a pagar rendimento acima da inflação, assim como a renda fixa, embora a caderneta possa decepcionar.

nossas contas com o exterior. Em contrapartida, essa mesma taxa elevada tem outros efeitos maléficos porque dificulta a expansão de negócios no setor privado e aumenta a dívida no setor público. Daí porque vamos iniciar o ano pagando mais impostos na fonte: a partir deste mês, o imposto será maior nas aplicações de renda fixa, sobre salários, aluguéis, etc., ou viagens ao exterior. Isso porque, com o aumento da arrecadação, o governo deve neutralizar parte do aumento de gastos com os juros que paga nos títulos públicos.

Num quadro de aperto como esses não é difícil entender por que a previsão é de uma inflação ainda mais baixa para este ano. Muito ajudaria a aliviar o peso para o contribuinte, consumidor, assalariado, no entanto, se o governo acelerasse o processo de privatização e o Congresso consolidasse as reformas estruturais.

A tendência é de que as taxas iniciem o ano em nível mais elevados e recuem acentuadamente nos meses seguintes, acumulando uma média entre 26% e 28% no ano pela variação dos juros dos Certificados de Depósito Intercambiário (CDI), títulos que garantem a troca de recursos por um dia entre os bancos. O piso de juro estampado pela Taxa Básica do Banco Central (TBC), de 2,72% ao mês em janeiro, aponta um

juro de 37,99% ao ano. "Mas nada impede que o Banco Central promova nova redução ainda na TBC de janeiro", comenta Santalúcia. A próxima reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) do BC, que arredonda o piso e o teto de juro básico da economia, está prevista para o início da segunda quinzena de janeiro.

Santalúcia é da opinião de que, a partir de meados do ano, o piso de juro ou a TBC volte a 1,58%, nível em que se encontrava antes de 31 de outubro. A velocidade de queda será tanto maior quanto mais rápidas forem a recomposição das reservas cambiais perdidas no fim de outubro e o andamento das reformas econômicas.

Japão - O cenário que se desenha, segundo ele, sugere que o caminho, para o aplicador, é pela diversificação dos investimentos.

Tradicionalmente, nos últimos

APLICAÇÕES

Investidor deve diversificar opções

anos, o primeiro mês do ano foi de altas das Bolsas, em dólar, constata. "Dos oito meses de janeiro da década de 90, sete foram de alta e apenas um de baixa, e, 1995, com a crise do México", comenta. Por esse motivo e também porque considera a crise asiática - a menos que ocorra um agravamento no Japão - embutida no preço das ações, ele indica, para o primeiro trimestre, a aplicação de até 30% do capital em Bolsa. A escolha vai depender do perfil e do volume de recursos do investidor, mas os papéis com maior potencial de valorização são os de primeira linha, de empresas a ser privatizadas.

O restantes 70% podem obter melhor rentabilidade, ao longo do primeiro semestre, nos fundos de 60 dias tradicionais com carteiras predominantemente de títulos prefixados, indicados por causa da tendência de queda dos juros.